manchete

Visão	Periodicidade: Semanal	Temática: Sociedade
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 778
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
08-05-2014	Tiragem: 132725	Página (s): 88/89

FOUAD

Twal

Há demasiados 'telecomandos' nos conflitos do Médio Oriente

Perseguições, liberdades, violência e paz. Nas vésperas de chegar a Portugal, o patriarca Latino de Jerusalém partilhou com a VISÃO, por mail, as dificuldades de ser católico no Médio Oriente

POR **INÊS RAPAZOTE**

> Preside às cerimónias de 13 de maio, em Fátima. Que mensagem traz aos peregrinos?
A saudação do Senhor aos Seus discípulos, quando lhes apareceu pela primeira vez após a Sua ressurreição: «A paz esteja convosco.» Essa paz que esperamos na Terra Santa há tantos anos. Venho também a Fátima implorar as suas orações e a intercessão da Virgem pela sua Pátria terrena: Jerusalém.

> Dez dias depois, receberá o Papa em Jerusalém...
O Papa Francisco vai a Jerusalém comemorar a visita do Papa Paulo VI, em 1964, e o seu encontro com o Patriarca Atenágoras. Queremos tirar o máximo proveito da visita e zelar para não nos contentarmos com a simples encenação: temos de ler e meditar sobre as suas palavras, descobrir a mensagem que nos quer transmitir e transformá-la num programa de vida.

> O Papa vai ser recebido numa terra onde se verifica um crescente extremismo?
O Médio Oriente vive um período de violência. A cultura da violência é devastadora, mas estão a florescer reuniões de diálogo tendentes a evitá-la ou erradicá-la. Todos devem participar nesse esforço.
Ao Ocidente e à comunidade internacional pedimos para pararem o envio e a venda de armas e aos amigos da Virgem de Fátima pedimos que intercedam por nós na oração. O Senhor é o dono da História e acreditamos que, um dia, a Paz e a Justiça terão a última palavra. Tenho a certeza de que o Santo Padre irá apelar a mais justiça e paz. Não se pode dizer que seja uma terra de extremismos a que recebe o Papa.

> A paz aprende-se na escola?
A paz é, acima de tudo, um dom de Deus, confiado aos homens, que têm de trabalhá-la e alcançá-la. É uma tarefa de grande fôlego, que deve ser aproveitada pelos governos e igrejas. Na escola, aprende-se que o homem deve viver em paz, porque nos ensinam o horror e a devastação que as guerras fizeram, ao longo da História. Mas há muitos outros locais de aprendizagem – ou de não-aprendizagem. A paz aprende-se na rua, em lugares de oração, na família. Uns recebem uma educação para a paz, outros para o ódio e a violência. É difícil contrariar uma educação que é recebida, por exemplo, do próprio pai.

> Como vivem hoje os cristãos em Jerusalém?
Os cristãos locais fazem hoje parte integrante do seu povo, o povo palestiniano. Sofrem e aspiram em conjunto a um Estado independente, de acordo com as leis internacionais. Viver na Terra Santa é aceitar a dimensão dramática de Jerusalém – essa cidade sagrada que fez chorar Jesus – sem esquecer que somos também a Igreja da Ressurreição, da alegria e da esperança.

> O Médio Oriente vive um período de violência (...) Todos devem participar nesse esforço [de a evitar ou erradicar] Ao Ocidente e à comunidade internacional pedimos para pararem o envio e a venda de armas

> Liberdade religiosa: realidade ou miragem?
A liberdade de culto, na Terra Santa, existe: temos o direito de ir todos os dias às nossas igrejas, tocar os sinos, manifestar a nossa presença através de procissões ou reuniões. A liberdade religiosa, por vezes, vê-se limitada, quando os fiéis deixam de ter acesso a Jerusalém por motivos de segurança.
Quanto à liberdade de consciência, ainda não chegámos lá. É também uma questão de cultura.

> O cristianismo no Médio Oriente está em vias de desaparecer?
Nada disso. O cristianismo, sob o peso da cruz e da perseguição, purifica-se. Há cristãos que se vão embora, mas há outros a chegar. Não temos o direito de ter medo, se acreditamos nas palavras do Mestre: «Não tenham medo (...) Estou convosco até ao fim dos tempos.» Pelo contrário, os cristãos veem na sua Igreja proteção e refúgio.

> Como encara, de Jerusalém, os conflitos que dilaceram o Médio Oriente?
Há demasiados «telecomandos» que agitam ou acalmam os conflitos no Médio Oriente a partir do exterior. É uma política intencional. Os povos do Médio Oriente não são livres de decidir o seu próprio destino. A guerra na Síria é sinal de uma política cega, que não mede as consequências de uma ação militar e os danos que uma guerra causa a um povo. É uma política que só destrói,

manchete

Visão	Periodicidade: Semanal	Temática: Sociedade
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 778
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
08-05-2014	Tiragem: 132725	Página (s): 88/89

REUTERS

não constrói e não garante o futuro do seu país.

> Como vê a definição do estatuto de Jerusalém e do acesso dos cristãos à Cidade Santa?
Temos de garantir que todos os crentes – cristãos, judeus ou muçulmanos – possam aceder livremente a Jerusalém, para orar. Alguns, por vezes, conseguem ver a cidade ao longe, mas não podem entrar, por causa de um muro que se atravessa no seu caminho. Já os crentes vindos de todo o mundo podem chegar lá com grande tranquilidade.

> Que papel poderá o Papa ter no processo de paz e no diálogo entre as religiões?
É uma visita pastoral, feita por um homem de paz, de diálogo e oração que vai, acima de tudo, comemorar o encontro ecuménico de 1964. Mas a sua dimensão política não pode ser descartada. Acreditamos que Sua Santidade vai conseguir manifestar-se em gestos que nos podem sensibilizar, nós que somos diariamente afetados pelos problemas da ocupação, do livre acesso aos lugares santos, da separação das famílias e do direito a uma vida normal.
Em termos de diálogo inter-religioso, o Santo Padre deixará uma mensagem de Caridade e de Unidade e, creio, lançará uma ponte entre as três confissões abraâmicas. Aliás, vai andar acompanhado por um rabino e um imane.

> A herança das Cruzadas tem peso no seu ministério quotidiano?
As Cruzadas foram lançadas, inicialmente, para permitir que os cristãos tivessem acesso aos lugares santos ocupados pelos muçulmanos. É passado e não é assunto de que se fale hoje. O meu ministério presente é manter viva a Palavra de Deus na terra onde Jesus morreu e ressuscitou. Isto exige uma atenção especial à proteção dos lugares sagrados, para que homens e mulheres de todo o mundo possam continuar a deslocar-se à cidade em peregrinação.

BI

PATRIARCA LATINO DE JERUSALÉM

FOUAD TWAL
Nasceu há 73 anos na Jordânia. Doutor em Direito, viveu nas Honduras, Roma, Cairo, Berlim e Lima, em serviço diplomático da Santa Sé. Em 2005, foi colocado em Jerusalém, onde foi elevado a Patriarca três anos depois

> E, 70 anos após a Segunda Guerra Mundial, sente o peso de outros legados a interferir nas suas relações com a comunidade judaica?
As nossas relações com os judeus não vão ser normais enquanto durar a ocupação militar israelita, que tanto prejudica o ocupante como o ocupado. Enquanto durar o conflito israelo-palestiniano, vai haver falta de paz, como ainda falta confiança mútua. Desejamos uma convivência pacífica, mas ainda estamos longe de ter uma vida normal. Aspiramos a viver em paz, como bons vizinhos, em vez de viver eternamente como inimigos.
A solução justa e boa para toda a gente passa pela criação de dois Estados soberanos, com fronteiras bem delimitadas, uma solução para os refugiados palestinianos e resolver, finalmente, o estatuto de Jerusalém.

> Como vê a tentativa israelita de distinguir entre palestinianos cristãos e muçulmanos?
O projeto é considerar que os cristãos não são árabes, logo, não fazem parte do povo palestiniano. Há um desejo de atingir a nossa identidade, o que não é aceitável. Ninguém pode forçar-nos a ser o que não somos. Esta tentativa é perigosa, pois pode causar uma divisão entre cristãos e muçulmanos, no seio do mesmo povo. É a paz que está ameaçada.

> Para Amartya Sem, um homem pobre não é um homem livre. Concorda?
Perante a situação na Palestina, sou tentado a concordar. Um país cuja economia não é independente, dificilmente pode reivindicar independência política. Tem os pés e as mãos atados. Mas, ao mesmo tempo, não existe no mundo uma pessoa pobre que não tenha nada para dar e uma pessoa rica que não precise de nada. Aquele que dá, mesmo na maior pobreza, é livre de dar.
Para terminar, gostaria de invocar a intercessão da Virgem de Fátima pela sua pátria terrena, para que nasça, no coração de todos os homens, um espírito de caridade, de partilha e de solidariedade. E para que se ergam homens de boa vontade que promovam a Paz.